

ANTONIO AUGUSTO DA SILVA LOBO



Alguns jornaes referiram-lhe o feito que é devéras patriótico. Em um banquete realisado ultimamente no Brazil, varios estrangeiros e entre elles dois portuguezes, foram convidados a naturalisar-se cidadãos brazileiros: d'esses portuguezes um era Silva Lobo. Ao passo que os demais accéttavam o convite, Silva Lobo levantava-se declarando que nunca deixaria de ser portuguez e protestando energicamente contra as injustas accusações que n'esse mesmo banquete Joaquim Nabuco fizera a Portugal. Este facto, que define o caracter accentuadamente patriótico de Silva Lobo, é mais de que bastante para que lhe concedamos um dos primeiros logares na galeria de honra dos nossos contemporaneos mais illustres.

Por ahí...



Os suicidas tiveram as honras da semana.

Houve-os de varias categorias, desde o *gentleman* até a criada de servir; de varias predilecções, desde o que adopta a bala de revolver no coração até o que prefere a corda de esparto na garganta; de varias procedencias, desde o que dá cabo do canastro por simples desamor á vida até o que, não logrando

correspondencia aos seus affectos, toma bilhete de correspondencia no americano que vae d'esta para melhor.

Ora parece coisa averiguada que isto de suicidios é uma especie de febre contagiosa, que tanto mais se desenvolve quanto maior é o numero de casos que a publicidade traz a lume.

A ideia do suicidio anda naturalmente incubada em muitos cerebros, faltando-lhe apenas, para que se expanda, o estímulo do exemplo, como succede com os cães, que surgem correndo de todos os pontos logo que um mais atrevido se atire a ladrar ás canellas de quem passa.



A imprensa noticiosa já tentou entre nós obviar a esse mal, occultando as noticias de suicidios, mas o bom exito não coroou esse expediente, já porque a imprensa não teve força para manter integralmente o seu programma, já porque a supressão das noticias não é na verdade synapismo sufficiente para debellar aquelle genero de febre.

Houve um governo no tempo antigo—tão antigo que a moral e os bons costumes ainda a essa data faziam parte da bagagem dos homens d'estado;—houve um governo que, assombrado pelo innumero numero de raparigas que se suicidavam por contrariedades de amores, decretou que o corpo de todas as suicidas fosse—nu e cru—exposto na praça publica aos olhares esfomeados dos amadores de boas carnes.

O cumprimento de tal decreto deu em resultado que, a contar d'essa data, só meia duzia de raparigas tiveram o impudor de sancionar pelo suicidio a exposição posthuma da sua plastica ex-appetitiva—o que quer dizer que n'aquelle tempo o pudor acompanhava as raparigas á eternidade, quando hoje difficilmente chega a acompanhá-las á missa.



Alguns sete casos de suicidio ou competentes tentativas registrou esta semana o noticiario lisboeta.

Um homem e uma mulher que apertaram os respectivos gassetes por desgostos de familia.

Um outro homem que, por motivos diametralmente oppostos, isto é, por não ter familia e viver muito aborrecido, ingeriu uma batelada de vinho aromatico—uma droga com que se tiram dores da espinha.

Mais um que opinou pelo sal d'azedas—outra droga

com que se tiram nodoas de tinta—para pregar um borrão mortal no livro da sua vida.

Ainda outro que alargou com uma bala de revolver o buraquinho que Cupido lhe fizera no coração com a traçoira seta.

Uma rapariga, ferida por igual seta, e que veio como uma seta desde o terceiro andar ao meio da rua.

Esta não soffreu nem uma beliscadura, porque o vento encheu-lhe o balão da saia suavizando-lhe a queda.

Bom subsidio para a direcção dos balões, que está fazendo suar o topete ao Cypriano Jardim e a outros sabios da Europa. Por aquelle simples processo já uma pessoa sabe que, em saindo de casa pela janella, vae direitinho como um fuso parar ao hospital de S. Jose, voltando d'ahi para casa são como um péro.



Finalmente, um ultimo, rapaz de boa sociedade, a quem uma bella franceza regateava amores, e que por isso pretendeu com uma bala de revolver tomar a diligencia da eternidade na Arcada do Terreiro do Paço.

Afinal não apanhou nem a bella nem a bala, porque a policia se metteu de permeio, levando-o para o governo civil.

Ahi, á falta da bala, quiz enforcar-se com o lenço.

Tiraram-lhe o lenço.

Deitou mão da gravata.

Tiraram-lhe a gravata.

Pretendeu garrotar-se com a corrente do relógio.

Tiraram-lhe a corrente do relógio.

Appellou para os suspensorios.

Tiraram-lhe os suspensorios.

Deitou mãos ás fitas das ceroilas.

Tiraram-lhe as fitas das ceroilas.

Quiz mattar-se com os atilhos dos sapatos.

Começou a torcer os bigodes para fabricar uma corda.

Tiraram-lhe os bigodes, os cabellos da cabeça, e chamuscaram-lhe o pello todo que tinha pelo corpo!

Não havia nada que o demovesse de ir d'esta para melhor.

E afinal sempre foi.

Foi para Paris.



Ora todos estes casos tem fundamento no seguinte:

Os srs. suicidas puzeram-se no costume de, pelo simples facto de morrerem, conquistarem logo a celebridade que a maior parte da gente não conquista em longos annos de existencia.

Antes de morrerem s. s. s.^{as} já sabem que as familias hão de pranteal-os eternamente, os amigos choral-os a *bandeiras despregadas*, os indifferentes lastimal-os como se fossem pessoas muito de seu intimo, os jornaes inscrever-lhes um necrologio recheiado de tudo quanto ha de mais commovente, engrinaldando-lhes a memoria de passagens romanescas capazes de fazer chorar as pedras da calçada do Quebea Costas quanto mais as almas sensiveis da rua dos Bacalhoeiros.

E' n'este ponto precisamente que convem relembrar o tal decreto que mandava expôr publicamente os corpos das dozellas suicidas e que deu em resultado nenhuma mais se suicidar, com vergonha do que lhe ia

acontecer depois de morta.



Na impossibilidade de fazer reviver esse expediente — mesmo porque todo o mundo frequenta hoje as praias de banhos, não lhe importando absolutamente nada expôr-se nu enquanto vivo, quanto mais depois de morto—o caminho a seguir, para evitar a repetição dos suicídios que se inspiram em casos semelhantes, seria, em lugar de carpir os suicidas, em artigos comovedores que os recommendam á commiserção das gentes, aureolando-os da grinalda do martyrologio, apenando-os antes desapidadamente, rodeando-lhes o chamado acto de desespero de facecias tão comicas, de episodios tão grotescos, de observações tão humoristicas, que não houvesse presilha de collete que ficasse inteira no seu lugar, descendo o suicida á tumba n'um cortejo tão vigoroso de gargalhadas, que os que por cá ficassem, porventura enfermados de identica monomania, perdessem a vontade de lhe seguir as pisadas, não pensando mais em ir representar para debaixo da terra o papel hilariante que representam cá em cima os palhaços de companhias de cavallinhos.

Seria barbaro, como o caustico, mas, tambem como elle, nos parece que seria proveitoso.

Nós vamos adoptar esse systema como prophylaxia contra o suicidio.

Todo aquelle ou aquella que durante esta semana cahir na asneira de se suicidar, apanha no proximo numero uma descasca de que se hade lembrar todos os dias da sua vida—queremos dizer da sua morte.

Agora sempre queremos ver quantos se suicidam... Verão que nem um para amostra.



Em Cacilhas

INTERPRETAÇÃO DO CONTO MUDO, DO ULTIMO NUMERO

Dona Dulce Aragão Salomé
Conegundes Alonso Miranda,
Embarcou n'um vapor do Burnay,
Que sem p'riço a levou á Outra-Banda.

P'ra zombar das negações d'um callo
Um gerico tomou d'aluguer:
Que tal como do inglez o cavallo
Desafeito era já de comer.

E em Cacilhas no lombo do onagro
A bojudá Aragão Salomé
Faz que o burro tão pôdre, tão magro,
Muito a custo se tenha de pé.

Com tal carga, nas fórmulas horrenda,
A alimania, com visos d'equestre,
Mais parece uma aranha estupenda
Tendo ás costas o globo terrestre.

Curto espaço passára ligeiro,
Quando o triste que os lombos tem pôdres,
Como o burro de Guerra Junqueiro,
«Sob o peso vergou de taes ôdres».

Altos gritos ao dono isto arranca,
Porque o pobre gerico, bem vêdes,
stava longe de ser a alavanca,
Com que o mundo ergueria Archimedes.

E no chão ali fica assapado,
Sem que tal Dona Dulce se importe,
P'ra mostrar que é bem certo o dictado:
—Tê p'ra burro é preciso haver sorte!

Porta.

M. GAGIR.



Hóra de Portas

A violencia das aguas da chuva tem privado muitas familias da suavidade das aguas do mar.

Na sua profunda sabedoria a natureza entendeu que o indigena, em grande maioria, estava mais precisado de banhos de chuva de que do mar, mas o indigena metteu-se em casa, metteu-se no americano, metteu-se em toda a parte, menos no

banho que generosamente lhe offereciam.

A chuva torrencial dos ultimos dias foi um grande beneficio para Pedriços.

Em primeiro lugar acabou com o bazar em beneficio dos pobres: — primeiro beneficio.

Depois, deu uma cresta monumental nos mosquitos que por cá havia, o que foi um beneficio ainda maior de que o beneficio da Adelina Patti!



Agora já se pôde dormir uma noite sem que os mosquitos nos chupem até á ultima pinguiha de sangue.

N'uma terra onde se passa o dia a ser *chupado* pelo homem da carne, pela mulher do peixe, pelo rapaz dos ovos, pela rapariga do leite, pelo fisco, pelo mendigo e pelo senhorio, era um verdadeiro cumulo de *chupice* virem os mosquitos á noite chupar-nos a unica coisa que os chupistas do dia não haviam conseguido chupar-nos!

AS MANOBRAS D'OUTONO



ZÉ POVINHO: — Com estas tachas dos pés é que me arrebentam os calos das mãos...

Ao fundo d'um artigo de fundo, temos que uma das coisas que mais dera nas vistas durante as recentes manobras fôra o calçado do principe regente, todo guarnecido (o calçado) de bellas tachas.

Conta-se que o principinho tem o costnme de estender o pé para que lh'o beijem. Oxalá que não adopte os sapatos do sr. seu pae.

Cúpido, quando nasceu,
.....
Tão pequeno e tão brejeiro,
Que fará em sendo homem!

Para se fazer uma ideia do que eram os mosquitos em Pedroços bastará saber-se que o conselheiro Perestrello, só n'uma noite, matou em sua casa quatrocentos e setenta e tres mosquitos!

Pessoas a quem o caso foi referido ficaram admiradas não só de que o conselheiro Perestrello tivesse paciencia para matar tanto mosquito, mas ainda de que lhe sobrasse pachorra para contar um a um todos os cadaveres dos mosquitos assassinados.

Não nos parece razão para espantos, logo que se saiba que o conselheiro Perestrello é o director geral da Thesouraria do ministerio da fazenda.

Quem está costumado a contar real a real os milhares e milhares de libras que os governos chupam ao paiz todos os dias, não é muito que tenha pachorra para contar, um a um, algumas dezenas dos mosquitos que lhe chupavam o sangue todas as noites.



Na manhã do ultimo sabbado deu-se na praia um episodio muito eugraçado.

Vieram dizer ao Paulo Pataco que um seu ex-banhista—que elle em tempo corra da barraca por andar no banho a beliscar as pernas das senhoars, com atropello dos privilegios dos caranguejos—voltára á birra do biliscão e lá andava no banho aos mergulhos, quicá ludibriando as cabeças dos proprios dedos na faina de beliscar canículas que nem merecessem as honras de beliscão.

Paulo Pataco entrou immediatamente por agua dentro, foi-se direito ao bregueirinho das praias e, mesmo com as mãos ensopadas na agua salgada, correu-o por ali fóra á bolacha—que necessariamente lhe devéra ter sabido a bolacha de agua e sal.

O banhista de costumes frescos saiu do fresco banho e poz-se ao fresco; mas no dia seguinte, á tardinha, appareceu em Pedroços e desatou a provocar o Paulo, em terra, com palavras semelhantemente picantes aos beliscões com que no mar usava provocar as banhistas.

E, como o Paulo lhe não desse trela, o que imaginam vv. ex.^{as} que o homemsinho fez?

—Poz-se a apitar!

Accudiu a policia, que levou o Paulo e o levou a elle, e d'ahi a bocado regressava o Paulo, sósinho, com grande gaudio—sem segundo sentido—dos canellins das banhistas, que eram os *Alfredos Pipilets* d'aquelle *Cabrion* de borda d'agua.

—Mas quem seria o homem?

—E porque apitaria o homem?

Já se diz, já se apregoa,
E em Pedroços se acredita,
Que o sujeito era em pessoa
O proprio do *Costa Apita!*



SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

J. F. AZEVEDO E SILVA—*Commentario ao novoCodigo commercial portuguez.*

Acabamos de receber este volume, que *folhedmos com a vista* tanto quanto nos permite a nossa negação radical por assumptos d'este genero.

Não pelo pouquissimo que vale o nosso entendimento n'essa ordem de trabalhos, mas pelo muito que representam algumas opiniões circumspectas que escutámos, o *Commentario ao novo codigo commercial portuguez* deve reputar-se um trabalho de valia n'esse genero e como tal digno de ser compulsado por aquelles a quem isso directamente interessar.



CAMILLO QUEIROZ E EDUARDO CORDEIRO.—*Pyrilampos.*

Recebemos o 2.º fasciculo d'esta interessante publicação, que promete vir a constituir uma graciosa bibliotheca de desopilantes voluminhos.



Almanach dos Palcos e Salas.

Charadas, poesias, historietas, anedotas, tudo, em summa, que constitue a microscopica bagagem d'este genero de litteratura amena, que começa a invadir-nos no principio do verão e se prolonga até final do inverno.



DAVID CORAZZI.—Publicada a *Mulher de capote e lenço*, que tem o numero 10 no elegante *Album de costumes portuguezes.*

Publicado tambem o fasciculo 22 do esplendido *Inferno*, de Dante e o interessantissimo volume de contos, poesias, etc., que constitue a 4.ª serie da Bibliotheca universal antiga e moderna.



Perguntas e respostas

Se o leitor, em doce goso,
'stá co'uma dama entretido,
Mas n'isto surge raivoso
O marido;

Ao bispar-lhe o horrendo busto
De expressão irada e má,
O leitor, morto de susto,
Que é que dá?

Paulo Pataco

A SITUAÇÃO D'AVEIRO



Gustavo Bordallo Tinô

José Estevão já está farto de estar na exposição á espera que as irmãs da caridade saiam de Aveiro para elle entrar.

Bem lhe podem offerecer uma cadeira, porque nos parece que tem que esperar...

A SEMANA DO AMOR E DO SUICIDIO



Gustavo Bordallo Tinj.